

NOSSO AMOR
DE TRINCHEIRA

NOSSO TRÂNSITO
DE FRONTEIRA

SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE
GUILHERME GONTIJO FLORES
&
RICARDO POZZO

NOSSO AMOR
DE TRINCHEIRA

NOSSO TRÂNSITO
DE FRONTEIRA

ULJANA
WOLF



Breve nota de um transplante	9
VON KOCHANIE ICH HABE BROT GEKAUFT De KOCHANIE EU COMPREI PÃO	15
die verschiebung des mundes a mudança da boca	16
aufwachraum I sala de recuperação I	18
aufwachraum II sala de recuperação II	20
mein flurbuch meu cadastro	22
der vater herr vater o pai senhor pai	38
obst fruta	40
übersetzen traduzir	42
kochanie ich habe brot gekauft kochanie eu comprei pão	44
herbstspiel peça outonal	46
kreisau, nebelvoliere kreisau, névoaviário	48

an die kreisauer hunde **50**
aos cães de kreisau

nachtrag an die kreisauer hunde **52**
adendo aos cães de kreisau

VON FALSCHER FREUNDE **55**
De FALSOS AMIGOS

dust bunnies **56**
dust bunnies

Von "DICHtionary" **58**
De "DICHtionário"

apart-art **60**
gracioso-grasa

bad-bald-bet-t-brief **62**
queda-quitar

clam-chef **64**
calhar-como

elf-enkel **66**
más-mala

fall / falls / fast / fell / flog **68**
azoto

glut-gift-gift **70**
presente-prejuicio

vase- () **72**
vaso- ()

(z)et- (z)oo- (z)u **74**
(z)et- (z)oo- (z)u

von "subsisters" **76**
De "subsisters"

3 OV **78**
3 VO

3 OmU **80**
3 OCT

Von "Aliens" **82**
De "Aliens"

Alien I: Eine Insel **84**
Alien I: Uma Ilha

X suspected mental defect **86**
X suspected mental defect

S SENILITY **88**
S SENILITY

Alien II: Liquid Life **90**
Alien II: vida Líquida

"look on my card" **110**
"look on my card"

Von MEINE SCHÖNSTE LENGEVITCH
De MEU LINDO LENGUACHE **113**

REDE ÜBERS VERSCHWINDEN
DISCURSO SOBRE O DESAPARECER **114**

KLEINE STERNMULLREDE
BREVE DISCURSO-TOUPEIRA-ESTRELADA **116**

BOUGAINVILLE
BUGANVÍLIA **118**

sobre a Autora **127**

sobre os Tradutores **129**

BREVE NOTA DE UM TRANSPLANTE

Eu já não lembro muito bem quando, talvez no fim de 2012 ou no começo de 2013, o Pozzo me chegou com a poesia da Uljana Wolf, alguns poemas tirados de sites da internet, com algumas traduções esparsas em outras línguas. Como quem não sabe bem o que fazer com aqueles textos estranhos, traduzi, ele traduziu, batemos martelos em conversas digitais e ao vivo. Foi mais ou menos assim, até adquirirmos alguns livros dela, até conseguirmos o contato pessoal dela, para tirarmos algumas — leia-se, muitas — dúvidas (e Uljana é gentil demais) que foram sempre respondidas. Foi algo assim por cerca de um ano, um ano e meio, escolhendo, revendo, consultando um ou outro amigo germanista (nós dois aqui estamos longe de sermos especialistas na língua, por isso, Norma Müller e Gunnar Thiessen, nós lembramos de vocês, agradecidos), testando um transplante poético dessas pequenas peças em prosa e verso. Depois de um ano, ou um ano e meio, tínhamos esta antologia, que ficou parada por pelo menos quatro anos, no triste limbo da poesia contemporânea de língua estrangeira, que demora a chegar, demora a se espalhar na nossa própria língua, em parte pela escassez de leitores, em parte pela escassez de coragem dos editores brasileiros.

Por isso, peça-chave foi aparecer o Nathan Matos com o ímpeto editorial de fazer poesia acontecer por estas bandas, de confiar no contrabando poético da tradução e no diálogo entre vivos. E peça-chave foi Daniel Martineschen, amigo, meu parceiro de tradução de um livro de Friedrich Kittler, que teve a imen-

sa generosidade de ler e comentar cada poema, dialogar na beira deste precipício, que é a poesia de Uljana Wolf. A esses dois vai toda nossa gratidão, porque nós sabemos que um livro de poesia na gaveta não adianta nada.

Enfim, à guisa de *captatio benevolentiae*, vou contar umas coisinhas sobre a poesia que vocês vão pegar pela frente.

Não é um estudo.

Não é um ensaio.

Longe disso. Fica mesmo como um modo de olhar, um jeito de justificar o que fizemos, o cavalo deste transplante, pra ver se rende frutos, quem sabe safra inusitada.

Em primeiro lugar, toda a obra de Uljana Wolf está na tensão entre línguas. Seu primeiro livro, *kochanie ich habe brot gekauft* (*kochanie eu comprei pão*, de 2005), é um movimento pelas fronteiras físicas e linguísticas entre Alemanha e Polônia que já está no título do livro, e ainda mais explícito em poemas como “übersetzen” (“traduzir”) e na série de poemas ligados a Kreisau (ou Krzyżowa, na Polônia), que remete ao importante grupo de opositores do nazismo. Traduzir estes poemas é, em parte, deslocar suas relações linguísticas e políticas, mas assim é que se traduz: deslocando relações, e não propriamente frases. Portanto mantivemos os vínculos com a Polônia e abraçáramos o alemão, fazendo assim uma espécie de vínculo curioso que pode se abrir nesta Curitiba polaca em que vivemos. Aqui também tentamos recriar a série de ecos entre poemas (por exemplo, as recorrências na “sala de recuperação”) ou metamorfoses

lexicais (em “o pai senhor pai” por exemplo, a relação pai-pia busca recriar o jogo entre *vater* e *verrat*, pai e traição, deslocamento do nome do pai que daria muito pano pra manga dos estudos psicanalíticos), além do complexo jogo rítmico dos poemas.

Em *falsche freunde* (*falsos amigos*, de 2009), Wolf passou a tensionar o inglês e o alemão, resultado de sua experiência nos Estados Unidos, onde acabou se casando e tendo filhos com o poeta e tradutor norte-americano Christian Hawkey. Os falsos amigos são os falsos cognatos, que abundam nessas duas línguas, e a poética do livro, por um lado, gira em torno dos equívocos constantes que acabam por construir um terceiro mundo entre países, numa fusão de línguas (aqui entra, por exemplo, o DICHThonário, que evoca o termo *Dichten*, “fazer poesia” em alemão), e, por outro, expõe a violenta política migratória dos EUA e da Europa (como na série *Aliens*). Ou seja, as relações entre língua, mundo e política são mais explícitas e específicas. Diante disso, optamos por um experimentalismo radical: na série “DICHThonário”, recriamos toda a relação alemão-inglês com os falsos cognatos latino-americanos do português-espanhol, isso demandou muita liberdade tradutória, para tentarmos rerepresentar um procedimento peculiar de Wolf, porque o equívoco era o cerne da poética; já na série “SubSisters”, sobre lendas, optamos por manter o inglês, que é a língua original dos filmes em questão, e traduzir o alemão, uma vez que essa questão está em jogo também nas relações cinematográficas entre Brasil e EUA; por fim, em “*Aliens*” mantivemos a relação alemão-inglês como português-inglês para reforçar as relações política de migração, que

são ainda mais violentas quando se estabelecem entre um país mais rico e outro mais pobre, assim acreditamos que parte do impacto político pode ser até ampliado nesta série.

De seu último livro, *meine schönste lengevitch* (*meu lindo languache*, de 2013) retiramos poucas peças. É talvez o seu livro mais maduro, ao mesmo tempo que o menos experimental no que tange às fronteiras dos livros anteriores, embora o título aponte para uma continuidade. Buscamos aqui manter a lógica das relações e retomadas, recriando o ritmo dos poemas.

Não traduzimos a complexa trama de *Sonne von Ort*, mas gostaria de explicar e justificar essa escolha. Esse livro, feito em parceria com Christian Hawkey, é inteiro a partir de recortes dos poemas de *Sonnets from the Portuguese* (*Sonetos da portuguesa*), da poeta inglesa Elizabeth Barret-Browning (1806—1861), ou de “apagamento colaborativo bilíngue”. Assim, extraindo palavras do poema, ao riscar o que será descartado, surge um poema novo. Mas a relação é ainda mais complexa, porque Hawkey faz esse procedimento com a edição inglesa, enquanto Wolf cria novos poemas a partir da tradução alemã feita por Rainer Maria Rilke. Ao fim, o poema inglês criado por Hawkey fica à esquerda, e o alemão de Wolf à direita, sugerindo um vínculo tradutório que é completamente enganoso, já que cada um extrai o poema como bem quis a partir das palavras de cada texto. O resultado é, pois, outro híbrido de línguas e, na verdade, ficamos perdidos até em decidir se os resultados do inglês seriam só de Hawkey e os do alemão só de Wolf; ao fim, temos um livro bilíngue que envolve ainda mais duas obras, com uma dupla assinatura que se multiplica

a oito mãos. Talvez uma solução fosse criar poemas paralelos a partir das traduções que existem para português ou espanhol, mas como determinar isso como tradução já nos pareceu difícil demais.

Quem sabe no futuro.

Livros estão sempre abertos. À reescrita.

Livros podem dar certo ou errado, mas isso depende mais dos leitores do que de nós. Aqui o que mais valeu, e assim confesso, foi a aventura. Este livrinho é uma metamorfose, talvez um plagiotropismo escancarado, ou mera assunção da vontade de escrever que nem Uljana, de viver nesse amor de trincheira, fazer do trânsito de fronteira toda uma vida.

G.G.F.

Von KOCHANIE ICH HABE BROT GEKAUFT

De KOCHANIE EU COMPREI PÃO

What's your name when you're at Home?

Tom Stoppard

Qual o seu nome quando você está em casa?

Tom Stoppard



die verschiebung des mundes

gegen vier uhr morgens
beobachte ich
die verschiebung des mundes

das haus schließt
nach dem letzten
gähnenden windstoß
die lippen schmal wie lider

dagegen öffnet seinen rachen
der himmel: ein hellblau
nahe am gaumenzapfen
über den dunkel gespannten
zungenbögen der wälder

aus dem dunstigen mund
entspinnt sich regen lang
anhaltender atem: wie über
die wimpern des schlafenden
hinsprechend

a mudança da boca

lá pelas quatro da manhã
eu observo
a mudança da boca

a casa fecha
depois do último
golpe de vento bocejante
os lábios finos feito pálpebras

porém o céu abre a sua
garganta: um azul-claro
perto do palato
sobre os negros e tensos
arcos de língua dos bosques

da boca úmida
a chuva começa um longo
constante alento: como sobre
os cílios de quem dorme
falando consigo

G.G.F.

aufwachraum I

ach wär ich nur im aufwachraum geblieben
traumverloren tropfgebunden unter weißen
laken neben andern die sich auch nicht fanden
eine herde schafe nah am schlaf noch nah an
gott und trost da waren große schwesterntiere
unsre hirten die sich samten beugten über uns –
und stellten wir einander vor das zahlenrätsel
mensch: von eins bis zehn auf einer skala sag
wie groß ist dein schmerz? – und wäre keine
grenze da in sicht die uns erschließen könnte
aus der tiefe wieder aus dem postnarkotischen
geschniefe – blieben wir ganz nah bei diesem
ich von andern schafen kaum zu unterscheiden
die hier weiden neben sich im aufwachraum